

## Um outro ABC: o Movimento de Cultura Popular e uma outra forma de ensino

Romero Bomfim dos Santos<sup>1</sup>, Flávio Henrique Albert Brayner<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho versa sobre o Movimento de Cultura Popular (MCP), criado na cidade do Recife-PE, em 1960, inspirado pelo Movimento francês *Peuple et Culture* que tinha como objetivo central a emancipação do povo por meio da educação e da cultura. Com uma proposta educacional popular voltada principalmente para as comunidades carentes do Recife, o MCP começou a ser desenvolvido e a desenvolver uma educação que buscava contextualizar os seus ensinamentos com os conhecimentos e práticas de vida de cada estudante. No decorrer do artigo, trazemos, primeiramente, a criação e o que foi o MCP. Abordamos também as fundamentações teóricas da educação popular, cultura popular e dos movimentos sociais. Por fim, trazemos a atuação do MCP nas comunidades periféricas do Recife, as metodologias desenvolvidas pelo Movimento e sua expansão. O artigo foi desenvolvido a partir de uma metodologia documental e bibliográfica.

### Palavras-chave

Movimento de Cultura Popular. Educação popular. Cultura popular. Movimentos sociais.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; educador popular; músico/saxofonista na cena musical pernambucana. E-mail: romerobomfim2@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris V - René Descartes, França; estágio pós-doutoral na Université de Paris VIII-Saint Denis, França; professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: flaviobrayner@hotmail.com.

## **Another ABC: the Popular Culture Movement and another way of teaching**

Romero Bomfim dos Santos<sup>3</sup>, Flávio Henrique Albert Brayner<sup>4</sup>

### **Abstract**

The present work is about the Popular Culture Movement (MCP). The Movement was created in the city of Recife, State of Pernambuco, Brazil, in 1960, inspired by the French Movement “Peuple et Culture” and had as its central objective the emancipation of the people through education and culture. With a popular educational proposal aimed mainly at impoverished communities in Recife, the MCP began to be developed and also to develop an education that sought to contextualize its teachings with the knowledge and life practices of the students. During the article, we first bring the creation and what the MCP was. We also approach the theoretical foundations of popular education, popular culture and social movements. Finally, we bring the performance of the MCP in the peripheral communities of Recife, the methodologies developed by the Movement and its expansion. This article was developed from a documentary and bibliographic methodology.

### **Keywords**

Popular Culture Movement. Popular education. Popular culture. Social movements.

---

<sup>3</sup> PhD student in Education, Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; popular educator; musician/saxophonist in the Pernambuco music scene. E-mail: romerobomfim2@gmail.com.

<sup>4</sup> PhD in Educational Sciences, Université Paris V - René Descartes, France; post-doctoral internship at Université de Paris VIII - Saint Denis, France; professor emeritus at the Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: flaviobrayner@hotmail.com.

## Introdução

Seu doutor os nordestinos  
Têm muita gratidão  
Pelo auxílio dos sulistas  
Nesta seca do sertão  
Mas doutor uma esmola  
A um homem que é são  
Ou lhe mata de vergonha  
Ou vicia o cidadão<sup>5</sup>  
(Zé Dantas e Luiz Gonzaga, 1953)

No ano de 1960, o sistema econômico e político brasileiro atravessava uma grande crise, que fez com diminuísse drasticamente o investimento no país. A entrada do capital externo teve uma queda considerável, refletindo na taxa de lucro e no aumento da inflação (Silva, 2008). Com o país imerso na crise, várias mobilizações populares surgiram e muitas dessas mobilizações tinham como objetivo principal provocar reformas sociais, já que era visível o crescimento das diferenças sociais. E isso fez com que a população brasileira passasse toda a década de 1960 lutando em busca dessas mudanças (Silva, 2008).

No nordeste brasileiro, especificamente em Pernambuco, entre 1958 e 1964, houve a criação de um novo cenário no qual seria possível desenvolver novas propostas e ações, principalmente nas áreas econômica, política e sociocultural. Essa movimentação tinha como objetivo superar o “atraso e subdesenvolvimento da região” (Weber, 1984).

Em 1958, começou a ser articulado e desenvolvido um movimento social, oficializado em 1960, que tinha como objetivo maior emancipar o povo por meio da educação e da cultura. Influenciado pelo movimento social francês *Peuple et Culture*, foi fundado no dia 13 de maio de 1960, no Arraial do Bom Jesus<sup>6</sup>, o Movimento de Cultura Popular (MCP) (Coelho, 1962).

O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama, dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome. Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas terras áridas do Nordeste. Refletem o seu drama, como “síntese dramatizada da estrutura social inteira”. Do mundo em que vivemos, em pleno século 20, com mais de um bilhão de homens, mulheres e crianças incapazes sequer de ler, escrever e contar. O Movimento de Cultura Popular representa, assim, uma resposta. Resposta que dinamiza sob a forma de um

---

<sup>5</sup> Fragmento de *Vozes da Seca* (1953).

<sup>6</sup> Sede do MCP (1960-1964) situada no bairro de Casa Amarela, na Zona Norte do Recife.

movimento. Que inicia, no Nordeste, uma experiência nova de Universidade Popular (Coelho, 1962, p. 35).<sup>7</sup>

Foi no antigo prédio da prefeitura do Recife, situado à beira do Rio Capibaribe, que o então prefeito (recém-eleito) da cidade, Miguel Arraes, querendo desenvolver trabalhos que beneficiassem as classes populares, reuniu professores, artistas, operários e intelectuais. “O Recife tem milhares de crianças sem escola. E a Prefeitura não tem, em seu orçamento, recursos para educação” foi assim que Arraes começou a reunião (Coelho, 2012, p. 1). Nesse período, a cidade do Recife não possuía escolas primárias em sua rede de ensino, o estado que era responsável por essa demanda desde 1894 (Souza, 2019).

Germano Coelho, um dos convidados para a reunião, possuía um bom conhecimento do viés da educação popular, isso por conta dos seus estudos na Europa. Durante o seu doutorado na Universidade de Direito de Paris, Germano teve diversas experiências voltadas para a educação popular e, por isso, ele ficou encarregado de elaborar uma proposta educacional e cultural que contemplasse a população negligenciada do Recife (Coelho, 2012).

Junto com Norma Porto Carreiro, que cursou Pedagogia na *Sorbonne*, foi aluna de *Jean Piaget* e de *Roger Cousint*, e possuía experiência nos estudos voltados para a educação popular, Germano começou a pensar e a desenvolver uma proposta educacional, cultural e popular para o Recife:

Finalmente, ia nascendo um projeto, envolvendo a parceria do poder público e da iniciativa privada. Não um simples órgão estatístico, mas um movimento em marcha. Não só para crianças e adolescentes, mas igualmente para adultos. Não apenas para a educação, mas também para a cultura. E com uma grande meta: elevar o nível cultural do povo, preparando-o para vida e para o trabalho (Coelho, 2012, p. 17).

Com uma proposta educacional popular voltada, principalmente, para as comunidades carentes do Recife, o MCP começou a ser desenvolvido e a desenvolver uma educação que buscava contextualizar os seus ensinamentos com os conhecimentos e práticas de vida dos/as alunos/as. E assim, no dia 13 de maio de 1960, com o seu Estatuto formalizado e assinado pelos seus fundadores, foi inaugurado o MCP (Coelho, 2012).

---

<sup>7</sup> Texto de Germano Coelho escrito em 1962 e que foi inserido no *Livro de Leitura para Adultos* do MCP.

## A educação popular, a cultura popular e os movimentos sociais

Artomove lá nem sabe  
Se é home ou se é muié  
Quem é rico anda em burrico  
Quem é pobre anda a pé  
Mas o pobre vê nas estrada  
O orvaio beijando as flô  
Vê de perto o galo campina  
Que quando canta muda de cor  
[...] vai oiando coisa a grané  
Coisa que pra mode vê  
O cristão tem que andá a pé<sup>8</sup>  
(Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)

A educação popular é o que nos leva à reflexão de que não somos europeus e sim americanos, que somos criativos e inventores e não repetidores. Não estamos tratando somente de um pensamento educacional, mas de um movimento de educadores que estão conectados à história, à realidade, às experiências, aos saberes, às necessidades e aos seus projetos de vida (Neto; Streck, 2019).

Na América Latina e, principalmente no Brasil, a educação popular é um instrumento de luta e resistência. Durante os regimes militares, a educação popular tinha uma natureza essencialmente sociopolítica, já que, ela, por meio de ações, conseguia organizar e mobilizar a população (Gohn, 2015).

O que parece se constituir na América Latina, nesse período, é um movimento político e sociocultural mais amplo, mediado por recursos financeiros que vinham de entidades de cooperação internacional, por instituições como a Igreja, partidos políticos, Centros de Educação Popular e escolas de formação de abrangência local, regional, nacional e latino-americana; assim como por intelectuais, ativistas, religiosos e lideranças que acabaram por conformar campos de forças políticas e culturais, não-homogêneos porque constituído por ênfases e tendências diferenciadas, mas contra hegemônicos, com níveis diferenciados de radicalidade, e orientados por utopias da transformação social. O “Movimento de Educação Popular” se fez no interior desse processo, na direção da construção de fazer do povo expressão política de si mesmo, por meio de organizações populares autônomas, imbuídas do desejo de construir o “poder popular” (Paludo, 2015, p. 226).

A educação popular nos leva a rever o sentido da própria educação, uma vez que não

---

<sup>8</sup> Fragmento de *Estrada de Canindé* (1950).

se restringe a um único modo de prática pedagógica, mas a um conjunto de ideias e práticas que são direcionados pela diferença. É um saber dividido entre povos, tribos, classes e grupos de uma sociedade injusta (Brandão, 1983).

A educação vem da necessidade intrínseca do homem de apreender, o que só acontece por meio de padrões simbólicos, de fontes de informações extrínsecas (Geertz, 1989). Uma necessidade antropológica, ligada à constituição biológica do homem, cujo comportamento, ao contrário dos outros animais, não é determinado por fontes intrínsecas, a herança biológica, mas pelo processo de simbolização do mundo à volta dele, ou seja, pela cultura (Berger, 1985).

A cultura é algo que se aprende por meio do contato entre as pessoas e não pela transmissão genética. Não se trata de uma questão racial e sim de aprendizagem. É primordialmente um assunto de ideias e valores, é uma ação mental comunitária. Essas ideias e valores tendem a se manifestar por símbolos. Portanto, por esse ponto, pode-se então dizer que a cultura é um sistema simbólico (Kuper, 2002).

Assim, a educação, como a cultura, se faz presente em todos os ambientes, podendo ser encontrada, como nos diz Brandão (1995), na rua, na igreja, em casa, entre outros lugares. A todo momento estamos envolvidos em processos educativos, seja para aprender, ensinar, ou ambas as coisas. Existem, portanto, diferentes formas de educação.

Os grupos sociais e/ou culturais se apropriam e (re)utilizam dando outra função (ou significado) para determinados objetos, produtos e/ou informações que chegam até eles (Certeau, 1998). Nem tudo é tão somente reprodução ideológica da cultura dominante, existindo, portanto, uma dialética entre dominadores e dominados e não somente uma imposição e, nesse momento, surgem grupos rebelados (Freire, 1981). Esses grupos não somente conhecem as debilidades das culturas dominantes, mas também, conhecem a força que possuem, pois,

As pessoas são ativas e produtivas; elas transformam incessantemente tanto objetos e obras quanto performances e gostos. Insistindo no caráter pragmático e performativo das práticas culturais, a análise pode colocar em evidência a capacidade dessas pessoas de transformar e criar novas sensibilidades, em vez de somente reproduzir silenciosamente uma ordem existente (Hennion, 2011, p. 256).

E suas intervenções criando, recriando e contextualizando fazem com que as pessoas possam interferir e modificar a sua realidade (Freire, 1967). Só refletindo sobre as limitações, o homem é capaz de se libertar e a cultura tem um papel fundamental quando se trata de

libertar as classes oprimidas (Freire, 1981).

A cultura popular tem sido um lugar de resistência (Hall, 2003) e está sempre com os ouvidos atentos ao clamor vindo das barricadas (Kuper, 2002). As culturas populares, na realidade, nunca estiveram fora das forças sociais e das relações culturais. Sempre estiveram presentes, pressionando a sociedade e ligadas a ela pelas inúmeras tradições e práticas (Hall, 2003).

A categoria de sujeito popular, para uns, e ator social, para outros, passa a substituir a categoria de classe social, bem como a de movimento popular e/ou de movimento social substitui a de luta de classe, significando que, em lugar da tomada revolucionária do poder poder-se-ia pensar em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos atores envolvidos. Buscou-se este potencial em sujeitos múltiplos, seja nos movimentos urbanos, nas comunidades eclesiais de base, nas lutas pela terra, moradia etc. (Scherer-Warren, 1993, p. 17).

Os movimentos sociais vêm, ao longo do tempo, construindo representações simbólicas através dos seus discursos e de suas práticas. Por meio dessas ações, eles projetam nos seus participantes o sentimento de pertencimento social. E, muitas vezes, os movimentos sociais conseguem alcançar lugares e espaços que outras instituições não conseguem. Isso por conta de sua forma de atuação, principalmente, nos aspectos da subjetividade das pessoas (Gohn, 2007).

A educação popular brasileira nas décadas de 1970 e 1980 tinha como paradigma principal um grupo de ideias “políticas, filosóficas e pedagógicas que nasceu com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular no final dos anos de 1950 e início de 1960 e que cresceu no interior da resistência popular dos anos de 1970 e 1980” (Gohn, 2017, p. 13). As lutas dos movimentos sociais possuem uma característica cíclica que se movimenta de acordo com as suas demandas de conflitos sociais, das lutas sociais, “da busca do novo ou da reposição/conservação do velho” (Gohn, 2000, p. 13).

A relação entre os movimentos sociais e a educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Essa relação acontece de duas formas: “na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações” (Gohn, 2011, p. 334).

## Um novo ABC

Lá no meu sertão pro caboco lê  
Tem que aprender um outro ABC<sup>9</sup>  
(Zé Dantas e Luiz Gonzaga)

Em 1960, um levantamento feito por Anita Paes Barreto, então assessora técnica da prefeitura do Recife, constatou que 98.281 crianças com idade entre 5 e 14 anos, por falta de unidades escolares, não frequentavam escolas (Weber, 1984).

No mesmo ano, o Estatuto do MCP, já trazia em seu art. 1º as diretrizes que o Movimento pretendia seguir e que tinha como objetivo maior a educação das comunidades carentes do Recife. Os fins visados pelo Estatuto do MCP eram: 1. promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos; 2. atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através de educação integral de base comunitária, que assegure, também, de acordo com a Constituição, o ensino religioso facultativo; 3. proporcionar a elevação do nível cultural do povo, preparando-o para a vida e para o trabalho; 4. colaborar para a melhoria do nível material do povo, por meio de educação especializada; 5. formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular (Rosas, 1986).

O MCP possuía, dentre vários setores, três departamentos que eram considerados fundamentais. Eram eles: Departamento de Formação de Cultura (DFC); Departamento de Documentação e Formação (DDI) e o Departamento de Difusão da Cultura (DFC). Dentre esses Departamentos, o de Formação de Cultura foi o que desenvolveu a ação educativa mais criativa. O Departamento de Formação de Cultura era composto por dez divisões. A Divisão de Pesquisa tinha Paulo Freire na direção e a Divisão de Ensino tinha como diretora a professora Anita Paes Barreto (Rosas, 1986), e

Sua realização mais representativa consistiu na superação quase imediata do emperramento em geral constatado quanto à ampliação da rede escolar. Através de um sistema de treinamento bem conduzido, Anita conseguiu utilizar todo um potencial de "professores leigos", de modo a multiplicar rapidamente o número de turmas e de alunos. As salas de aulas foram igualmente multiplicadas a baixo custo: salões paroquiais, templos protestantes e espíritas, clubes e centros desportivos, carnavalescos e

---

<sup>9</sup> Fragmento de *ABC do Sertão* (1962).

recreativos, residências, próprios municipais... Os professores recebiam treinamento inicial e eram cuidadosamente acompanhados. A seriedade com que os treinamentos eram realizados e a reciclagem quase constante asseguravam a boa qualidade do ensino e o respeito à palavra de ordem: conscientização (Rosas, 1986, p. 24).

O MCP iniciou as atividades pesquisando junto às comunidades carentes do Recife. Junto aos povos que viviam em palafitas, mangues, alagados e morros, e “conhecendo as pessoas, as famílias, as casas, os problemas. Vendo. Observando. Conversando. E, no meio de tanta penúria, tínhamos ainda um pedido a fazer: ‘Quem pode ceder um pequeno espaço para abrir uma escola?’” (Coelho, 2012, p. 23).

As comunidades se engajaram junto com o MCP, nas construções dos ambientes educacionais. As comunidades necessitavam de escolas. As pessoas queriam escolas para os seus filhos. E, assim, vários espaços foram cedidos para que as escolas do MCP fossem instaladas. Salões paroquiais, quadras esportivas, centros recreativos, entre outros espaços. As mobílias que eram necessárias para o funcionamento inicial das escolas eram construídas nas próprias oficinas do MCP (Coelho, 2012).

O ensino de crianças e adolescentes expandiu-se de forma célere, pois, ao final do ano de 1962, o MCP “contava com cerca de 20.000 alunos, divididos em pouco mais de 600 turmas, distribuídos em 200 escolas isoladas e cinco Grupos Escolares” (Coelho, 2012, p. 24).

Pensava-se que, através da educação, toda uma camada social e injustamente alijada do processo de desenvolvimento social e humano, sem acesso ao sistema de informação e crescimento de seus indivíduos, a não ser de modo bissexto e com o sacrifício de seus valores culturais, pudesse forçar a mudança no sistema econômico vigente e conquistar aquilo a que tinha direito. Pensava-se que tal objetivo jamais seria alcançado através apenas dos modelos convencionais de educação formal. A educação popular, esperava-se, seria o caminho a seguir (Rosas, 1986, p. 27).

O MCP, com seu crescimento cada dia maior, adentra cada vez mais nos territórios antes esquecidos, negligenciados e mal vistos do Recife – os morros, córregos, mangues, alagados, entre outros. Que passaram a ter escolas, espaços educacionais, educação para as crianças e para os adolescentes. Com o desenvolvimento educacional das crianças e adolescentes, os adultos também passam a querer frequentar a escola e, com isso, em 1962 o MCP iniciou a alfabetização dos adultos (Coelho, 2012).

A Prefeitura do Recife, junto com o MCP, assina um convênio com o Ministério da Educação e Cultura. O Programa do Governo Federal, SIRENA<sup>10</sup>, incumbiu-se do material didático, enviando ao MCP cartilhas e discos com as atividades a serem trabalhadas com os alunos e alunas. Porém, com a análise dos materiais enviados pelo SIRENA, chegou-se a conclusão que tal material não se adequava à realidade do povo abarcado pelo MCP (Coelho, 2012).

Então, entende-se que um material novo deveria ser criado. Material esse condizente com a realidade local. Que os alunos e alunas se identificassem com os conteúdos. Um material contextualizado com o dia a dia das comunidades periféricas do Recife. Paulo Freire é indagado se poderia responsabilizar-se em pensar, elaborar e/ou confeccionar tal material didático, porém, por não possuir experiências na área de alfabetização, recusa a proposta (Coelho, 2012).

Josina Maria Lopes de Godoy e Norma Porto Carreiro Coelho, ambas professoras, aceitam o desafio de construir o material didático voltado para o ensino de adultos do MCP. O Movimento possuía um vasto material oriundo de pesquisas realizadas nas áreas populares do Recife, e esse material serviu de aporte para o trabalho de Josina Lopes e Norma Godoy na elaboração e criação do *Livro de leitura para adultos* do MCP (Coelho, 2012).

O programa de educação para adultos exigia um método de ensinar a ler, enraizado nas coisas do Nordeste, e nos interesses de homens e mulheres discriminados pela sociedade e tangidos para a periferia. O convênio celebrado com o Ministério da Educação e Cultura, em torno do Programa Sirena, havia fracassado, justamente quando chegaram as lições gravadas em discos e as cartilhas. Um desperdício de recursos federais. As aulas nada tinham a ver com a situação nordestina. Nem os centros de interesses. Nem o vocabulário. Nem mesmo a metodologia do ensino de adultos (Godoy; Coelho, 1962, p. 29).

O *Livro de leitura para adultos* criou uma nova metodologia de ensino, uma nova forma de alfabetização, um novo jeito de ensinar o ABC. Essa metodologia principia na palavra, para ser mais exato, nas palavras-chave. Quarenta e três palavras-chave foram identificadas como fundamentais para o aprendizado dos alunos e alunas, já que, tais palavras continham cinquenta e oito sons e esses sons serviriam “para formar todas as palavras da língua portuguesa” (Coelho, 2012, p. 30).

---

<sup>10</sup> Sistema Radioeducativo Nacional – Programa de ensino por rádio criado pelo Governo Federal em 1957. O Programa tinha como objetivo produzir conteúdos educativos que eram veiculados por emissoras em todo território nacional. O Programa é considerado um dos precursores do ensino a distância no Brasil.

A metodologia de alfabetização do *Livro de leitura para adultos* seguia o seguinte esquema: primeiro, apresentava as palavras-chave e debatia-se em torno do centro de interesse; depois, as palavras-chave eram apresentadas dentro de frases; no terceiro momento, as sílabas das palavras-chave eram destacadas; e, por fim, eram compostas novas palavras-chave (Coelho, 2012).

Dentre as palavras-chave e os centros de interesse havia: Problema do campo – Açúcar. Pernambuco. Engenho. Enxada; Problema no Nordeste – Nordeste. Homem; Politização – Povo. Voto; Habitação – Casa. Mocambo; Sobrevivência – Vida. Saúde. Pão; Problemas da cidade – Mangue. Draga.

Anísio Teixeira, que, na época, estava à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em entrevista ao “O Metropolitano” disse:

Confesso ter lido essa cartilha com entusiasmo. As privações, as esperanças e os direitos do brasileiro tecem e entrelaçam aquelas frases lineares e singelas, e fazem do aprender a ler uma introdução à liberdade e ao orgulho de viver [...]. Por tudo isso eu considero essa cartilha a melhor cartilha para adultos analfabetos que, até agora conheci no Brasil.<sup>11</sup>

Osmar Fávero (1986, p. 285), também relata a importância do *Livro de Leitura para Adultos* por ser pioneiro no Brasil e porque em suas primeiras leituras trazia “um conjunto de palavras às quais se associava uma mensagem política; o conteúdo social dava força à palavra, concretude à ideia”.

Esse pioneirismo do *Livro de Leitura para Adultos* fez do MCP o primeiro a não aplicar aos adultos o mesmo método de alfabetização das crianças. O primeiro a sistematizar, através de documentos objetivos, como o *Livro de Leitura para Adultos* e o “Guia do Alfabetizador”, um método criado especificamente para adultos. E o primeiro a experimentar esse método, educando 30 mil alunos, nas Escolas Radiofônicas (Coelho, 2012, p. 32).

Com o crescimento expressivo da demanda da educação para adultos, o MCP, se viu na necessidade de pensar/criar uma educação a distância. E, por essa circunstância, foi criada a Escola Radiofônica, que tinha, na equipe de comando central, Norma Porto Carreiro, Josina Godoy e Giselda Fonseca. A Escola também tinha em sua composição os monitores (universitários treinados pelo MCP para atuar nas salas) e os alunos (adultos e jovens que se

---

<sup>11</sup> Trecho da entrevista de Anísio Teixeira, em 17 de outubro de 1962, a *O Metropolitano*. O mesmo trecho também se encontra na terceira página do *Livro de Leitura para Adultos* do MCP.

encontravam em processo de alfabetização ou aperfeiçoamento). A Escola Radiofônica foi um dos instrumentos responsáveis pela expansão do MCP (Coelho, 2012).

Segundo Rosas (1986), a Escola Radiofônica estava inserida em um projeto de educação pelo rádio. Esse projeto comportava três variedades de escola. Sendo elas: 1. Escola Radiofônica – com o objetivo principal de alfabetizar, complementados com educação de base e recreação; 2. Aperfeiçoamento – programa destinado para alunos e alunas já alfabetizados; 3. Escolas Experimentais – também com finalidade de alfabetizar, esse projeto era destinado aos alunos e alunas que, por algum motivo, não conseguiam acompanhar as aulas pelo rádio.

Coelho (2012), complementa a informação a respeito da Escola Radiofônica relatando que a Escola produzia três tipos de programas:

1º A Escolinha de Formação de Monitores e Supervisores, que trabalhava com o *Livro de Leitura para Adultos* e o *Guia do Alfabetizador*. A escolinha aprofundava o processo de aprendizagem. Dava orientação metodológica das diversas fases da alfabetização. Preparava o alfabetizador e o supervisor, dando-lhes a consciência de seus papéis na Escola Radiofônica. [...] 2º O Programa de Alfabetização, com base no *Livro de Leitura para Adultos*, em 77 lições. As aulas eram transmitidas pela Rádio Continental e Rádio Clube de Pernambuco, diariamente, exceto aos domingos, de 20h50 às 21h40. Aos sábados os programas eram recreativos. 3º O Programa de Aperfeiçoamento pelo rádio, abordando educação de base, conhecimentos de história, língua portuguesa e realidade brasileira (Coelho, 2012, p. 37-38).

Ao final do ano de 1962, a Escola Radiofônica já era transmitida em toda região metropolitana do Recife para cerca de 30 mil alunos e alunas. Com essa expansão do MCP, as metodologias de ensino e as práticas pedagógicas colocam o Movimento em evidência em várias esferas da nossa sociedade. Dentre os que observavam os desdobramentos do MCP estava o Exército Brasileiro.

Em 1962, o então presidente do MCP, Germano Coelho, foi chamado ao Quartel do VI Exército para prestar esclarecimento a respeito de um material supostamente subversivo, o *Livro de leitura para adultos*. Ao chegar no Quartel, Germano Coelho foi recebido pelo próprio comandante geral do IV Exército, que tinha em suas mãos um exemplar do livro, e que posteriormente lhe fez várias indagações a respeito do mesmo (Coelho, 2012). Entre elas: “Por que tanta foto de mangue, alagado e mocambo?”; “Porque é lá, general, que vivem os analfabetos?”; “Por que essa foto de flagelado com crianças abandonadas?”; “General, a resposta está no texto: ‘o flagelado é o camponês desamparado’, analfabeto, que precisa de escola, que precisa aprender”; “Por que ‘a escola é do povo’?”; “Porque a escola do MCP é como o mar, não tem dono; lá não se cobra nada; e o povo pode ir à aula mesmo como vive,

com a roupa rasgada e pés descalços.” Ao final da conversa, Germano foi levado até a porta pelo próprio general que diz que o livro não é subversivo, porém, chegou no limite, concluindo: “Não é subversivo, mas pode ser usado subversivamente” (Coelho, 2012, p. 38).

Em março de 1964, com o golpe que levou os militares ao poder, o MCP foi extinto. Em sua sede, no Sítio da Trindade, são colocados dois tanques de guerra prontos para entrar em combate a qualquer momento. As obras de artes são destruídas, os documentos queimados e os profissionais perseguidos (Gaspar, 2009).

Por meio de um dos poucos documentos restantes depois dessa investida, foi possível fazer o último levantamento de dados das atividades realizadas pelo MCP. Esse documento constatou que o Movimento, entre outras realizações, conseguiu criar “414 escolas, dentre as quais, 14 grupos escolares, que atingiram 30.405 alunos, sendo eles 27.703 crianças e 2.702 adolescentes, sem contar o número de adultos” (Silva, 2006).

O MCP teve uma atuação marcante para a população de Pernambuco, principalmente quanto à divulgação da arte nos meios populares (Silva, 2006). O legado que o Movimento deixou ainda é importante, não pela possibilidade de recriá-lo, mas por acreditar que vale a pena promover novas experiências de educação popular (Rosas, 1986).

## **Considerações finais**

O MCP foi um sistema educacional que procurou entender, antes de tudo, qual era a realidade de vida do seu público-alvo, e quais seriam as pessoas que iriam se beneficiar com a educação oferecida pelo Movimento. E constatou que iriam trabalhar diretamente para/e com um povo esquecido, negligenciado pelos poderes públicos, abandonado à própria sorte nos alagados, nos morros e nas palafitas.

O que pudemos observar foi que o MCP revolucionou, por meio da educação popular, a forma de ensino no nordeste brasileiro, com metodologias direcionadas para a realidade do povo, contextualizada com a vida das pessoas, as quais seriam favorecidas. Com o objetivo de emancipar o povo por meio da educação, a metodologia do MCP era pensada e desenvolvida de forma que alunos e alunas não somente aprendessem a identificar as letras, a decodificar os códigos, mas, principalmente, a identificar e entender o sentido social e político das palavras, frases e textos.

*O voto é do povo e O pão dá saúde* – primeira e segunda lição do *Livro de leitura para adultos* – por essas duas lições, pode-se observar o quanto as lições do MCP eram carregadas nas questões políticas e no viés social. As lições eram elaboradas para além das  
*Rev. Ed. Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 113-128, out. 2023.*

decodificações, dos símbolos gramaticais, das escritas nos cadernos, ou do copiar do quadro negro. Como disse Anita Paes Barreto (1986, p. 37) “O MCP tinha como objetivo geral a elevação do nível cultural do povo”.

A educação popular do MCP atravessou os alagados, subiu as ladeiras escorregadias dos morros, entrou nos mocambos, agradou e desagradou muita gente. Várias foram as ações com objetivo da extinção do MCP, mas sem sucesso, até o fatídico dia 1º de abril de 1964, quando o Exército Brasileiro fechou a sede do Movimento de Cultura Popular. Mas, como disse Germano Coelho (2012, p. 174): “A semente germinou, cresceu e frutificou”.

## Referências

BARRETO, A. P. **Memorial do MCP**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986. p. 37-39.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. 1983. Disponível em: <http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COELHO, G. Carta de apresentação. In: GODOY, J. M. L.; COELHO, N. P. C. **Livro de leitura para adultos**. Recife: Gráfica do Recife, 1962. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/lermcp.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

COELHO, G. **MCP**: história do Movimento de Cultura Popular. Recife: Editora do Autor, 2012.

COELHO, G. Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular. In: ROSAS, P. (org.). Paulo Freire: educação e transformação social. Recife: EDUFPE, 2002. p. 31-95. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/pfreiregermano.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

DANTAS, Z.; GONZAGA, L. **ABC do Sertão**. São Paulo: RCA VICTOR, 1962. LP (2min 33s).

DANTAS, Z.; GONZAGA, L. **Vozes da Seca**. São Paulo: RCA/BMG, 1959. LP (2min 40s).

FÁVERO, O. Referências sobre materiais didáticos para a educação popular. In: PAIVA, V. (org.). **Perspectivas e dilemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 283-304.

- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GASPAR, L. Movimento de Cultura Popular. **Pesquisa Escolar Online**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008. Disponível em:  
[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=723](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=723). Acesso em: 28 jun. 2018.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODOY, J. M. L.; COELHO, N. P. C. Livro de leitura para adultos. Recife: Gráfica do Recife, 1962. Disponível em:  
<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/lermcp.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOHN, M. G. 500 Anos de Lutas Sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11–40, 2000. DOI 10.5433/2176-6665.2000v5n1p11. Disponível em:  
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, 2011. DOI 10.1590/S1413-24782011000200005. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCKCRVp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 ago. 2023
- GOHN, M. G. A relação entre a educação popular e os movimentos sociais na construção de sujeitos coletivos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 12., 2015, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: PUCPR, 2015.
- GOHN, M. G. Retrospectiva sobre a educação popular e os movimentos sociais no Brasil. **Movimento**, Niterói, n. 7, p. 10-32, 2017. DOI 10.22409/mov.v0i7.408. Disponível em:  
<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32624>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HENNION, A. Pragmática do gosto. **Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 253-277, 2011. Disponível: [http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo10\\_8.pdf](http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo10_8.pdf). Acesso em: 2 ago. 2023.
- KUPER, A. **Cultura**: uma visão dos antropólogos. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.
- NETO, J. C. M.; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 207-223, 2019. DOI 10.1590/0104-4060.65353. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Y3SNBNzjzkW9QxCQLp7PW6b/?lang=pt>. Acesso em: 2 ago. 2023.

PALUDO, C. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/CK6NyrM6BhKXbMmhjrmB3jP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 ago. 2023.

ROSAS, P. **O Movimento de Cultura Popular – MCP**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/prosasn.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SILVA, M. B. Refletindo sobre o Movimento de Cultura Popular: espaço para a Arte? **Revista Digital Art&**, São Paulo, n. 6, 2006. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-06/trabalhos/8.htm>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SOUZA, K. F. B. As escolas radiofônicas anunciam uma educação regionalista. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 20-29, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i1p20-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/147974>. Acesso em: 2 ago. 2023.

TEIXEIRA, H.; GONZAGA, L. **Estrada de Canindé**. São Paulo: RCA VICTOR, 1950. Compacto Simples (2min 55s).

WEBER, S. Política e educação: o Movimento de Cultura Popular no Recife. Rio de Janeiro: CREMEJA, 1984. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/acervo-digital/fundo-osmar-favaro/educacao-popular-i/mcp/politica-e-educacao-o-movimento-de-cultura-popular-no-recife-silke-weber/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

WESTERLUND, H.; KARLSEN, S. Knowledge production beyond local and national blindspots: remedying professional ocularcentrism of diversity in music teacher education. **Action, criticism, & theory for music education**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 78-107, 2017. DOI 10.22176/ACT16.3.78. Disponível em: [http://act.maydaygroup.org/articles/WesterlundKarlsen16\\_3.pdf](http://act.maydaygroup.org/articles/WesterlundKarlsen16_3.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

Submetido em 15 de maio de 2023.

Aprovado em 5 de junho de 2023.